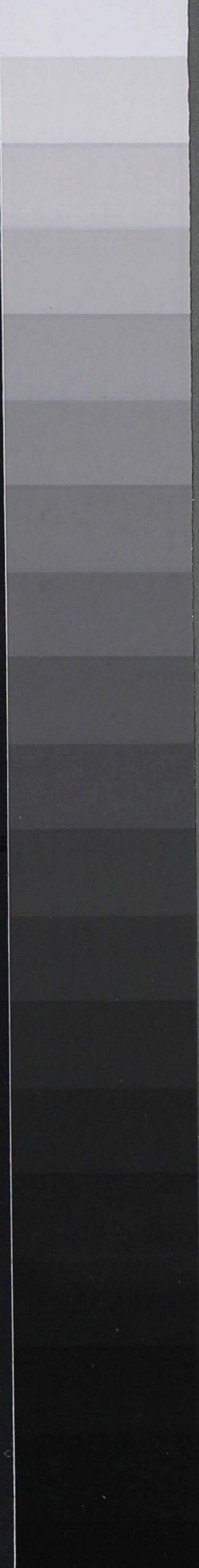


Kodak Gray Scale

A 1 2 3 4 5 6 M 8 9 10 11 12 13 14 15 B 17 18



JOÃO DO RIO



BÉBÉ

DE



TARLATANA



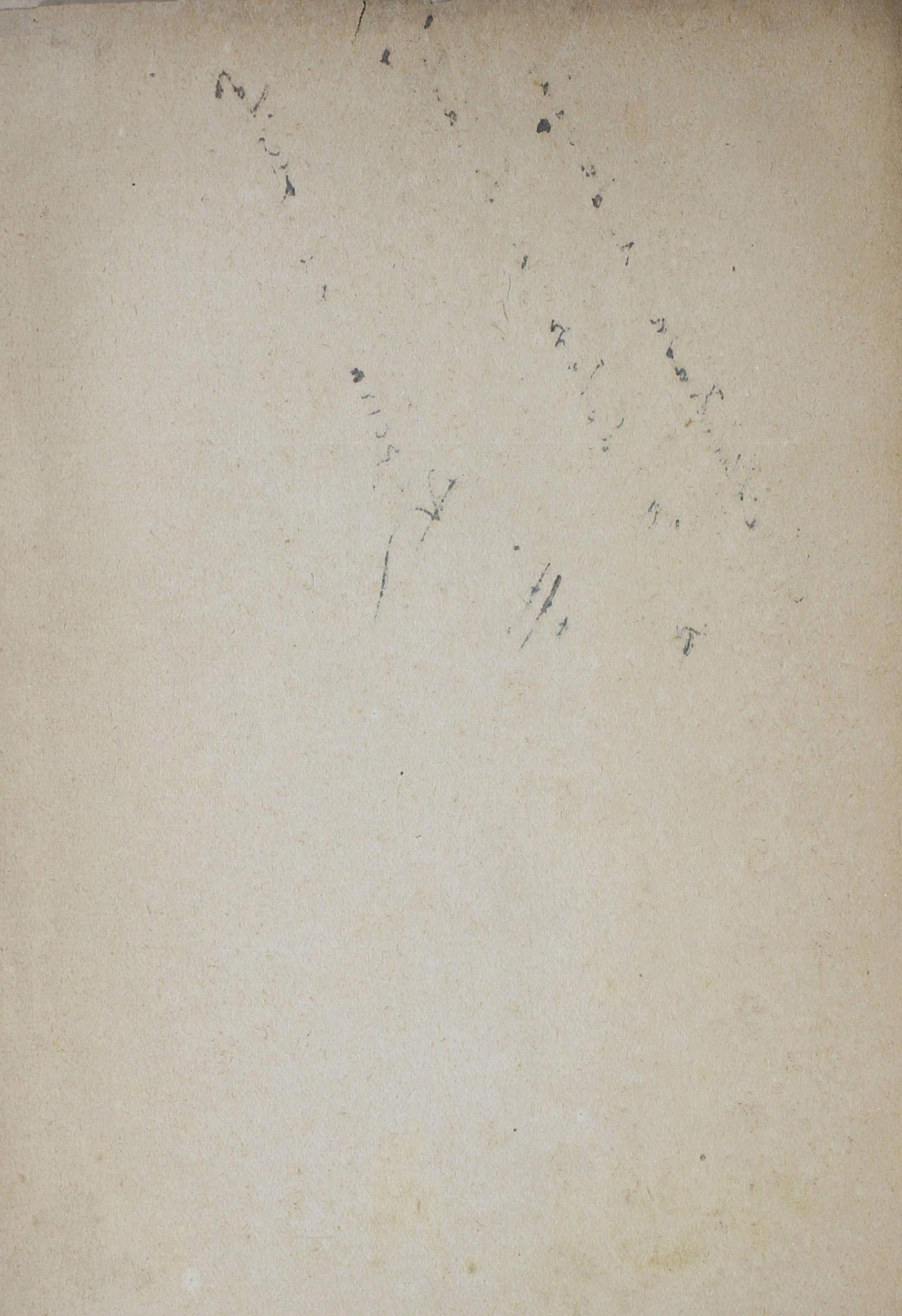
ROSA



PREFACIO DE BEZERRA DE FREITAS

ILVSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

Ad illustranda
et ad solam
off. de
Resena et
Freylos
de S. Paulo



O BÉBÉ DE
TARLATANA ROSA

OBRAS INEDITAS DE
JOÃO DO RIO

(Da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Sciencias de Lisboa).

<i>Celebridades.</i>	<i>Buenos Aires.</i>
<i>As Fontes Vivas.</i>	<i>Unidade.</i>
<i>As Férias do Manoel.</i>	<i>Deus!</i>
<i>Vida, Riso e Dôr.</i>	<i>Desejo.</i>
<i>Desejo, Plagio. — O Poder das Palavras.</i>	<i>Vida Elegante.</i>
<i>O Labyrintho.</i>	<i>Bilhetes.</i>
<i>Theatro da Vida.</i>	<i>Historia da Colonisação Portuguesa (incompleto).</i>
<i>Bice.</i>	

E muitos outros trabalhos que poderão ser publicados sob o titulo *Esparsos*, como se fez em Lisboa com as obras incompletas de Eça de Queiroz.

THEATRO

- As Ventoinhas*, peça em 3 actos.
Os contos podem ser verdades, peça em 3 actos.
O Raio da Vida, peça em 3 actos.
O Ministro Prates, peça em 3 actos.
El oro contrarrestado por la fuerza del destino, peça em 3 actos.
As Serpentes, peça em 3 actos.
O Remorso de uma falta, peça em 1 acto.
Clotilde, peça em 1 acto.
Tudo Dansa, peça em 1 acto.
A Menina de olhos côr de jambo, peça em 1 acto.

E innumerous pensamentos, frases e maximas, que reunidos darão dois grossos volumes.

J O Ã O D O R I O

O BÉBÉ DE
TARLATANA ROSA

PREFACIO DE BEZERRA DE FREITAS
ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

EDITORA BRASILEIRA LUX
Av. Gomes Freire, 101 — Rio de Janeiro

DO BÉBÉ DE TARLATANA ROSA,
conto extrahido do livro “Dentro da
Noite” (ed. Garnier), tiraram-se
20 exemplares em papel
Vergè.

A'

EX.^{MA} VIUVA COELHO BARRETO

E A O

DEPUTADO FRANCISCO VALLADARES

PREFACIO

... Não ha maior luxuria que a de pensar.

Esta phrase resume a obra de Paulo Barreto, esse homem que vem do fundo dos tempos; cavalleiro da bondade, senhor cheio de graça, amoroso da terra e da belleza.

E' preciso estudal-o sem emphase nem tragedia.

Com o rythmo da vida nas mãos, uma instinctiva sabedoria e uma intensa sensibilidade optica, elle nos deu a mais formosa theoria de arte individual, na America.

Paulo Barreto, como todos os genios que veem ao mundo para nos dar uma nova sensação de harmonia, soffria a tortura do movimento. A vida é o rumor da torrente.

— *Ella tem duas feições: a que se projecta e a que se penetra. Uma é a rajada intrepida, outra o recolhimento; uma é o dia de sol, outra a noite, pedindo luz; uma grita, outra ouve; uma é alegria mesmo na dor, outra é dor mesmo no sorriso; uma é Zarathustra, outra é a Multidão. Ambas são, entretanto, feições da mesma alma — aquella virtude superior que anda pelo mundo esparsa no sonho de energia e de força para o bem que é beleza.*

Esses pensamentos, repetidos em quasi todos os seus livros, guardam aquella força prestigiosa que a Camillo Mauclair se affigurava a luz brincando com a luz.

Paulo Barreto era descendente de mathematt-

cos e militares; preferiu as curvas venenosas e subtis da ironia. Fixador de attitudes, dizia que, na vida, só as idéas e as imagens contam. Assim era o artista: inquieto, independente, diverso.

Lendo o BEBE' DE TARLATANA ROSA, eu comprehendo a terrivel fascinação das mascaras e sinto a belleza do epigramma, que é um pouco de caricia e de agonia

Joli dragon, donnez-mois votre rose

Em Paulo Barreto, ha paginas de tumulto, de appetites vorazes, de extases e deliquescencias; paginas de côres fortes, de tons violentos, onde o sol desponta para a sua parabola de oiro; paginas de

uma doçura infinita, confusa suggestão ou miragem da fantasia, numa ansia de céu e de ar; paginas que lembram a ALMA URBS, onde os judeus traficam, os bailarinos dansam, os magos accendem esperanças, os mercadores de serpentes fascinam as multidões; paginas de aturada analyse das forças politicas, que explicam as orgias democraticas do momento; paginas de louvor aos poetas e ás energias creadoras da belleza; paginas em que se ouve a cadencia elegiaca ou melancolica dos poemas de Bruant, nos cabarets do crime e da miseria...

Com pouco menos de quarenta annos — idade que arregimenta todas as franquezas e amarguras — Paulo Barreto conservava a graça constru-

ctora dos vinte e cinco, o sonho longo e feiticeiro do entendimento dos continentes e uma esplendida bravura mental.

No RAMO DE LOIRO, elle diz:

— Arte é uma só. Arte é a physionomia da terra. A natureza é sempre sobrenatural na grande e infinita perplexidade do não saber. Dentro della, no seu espanto, os homens desejam a verdade que é o além.

A arte

Musa concreta e ambigua

Elegante, moderna e antiqua

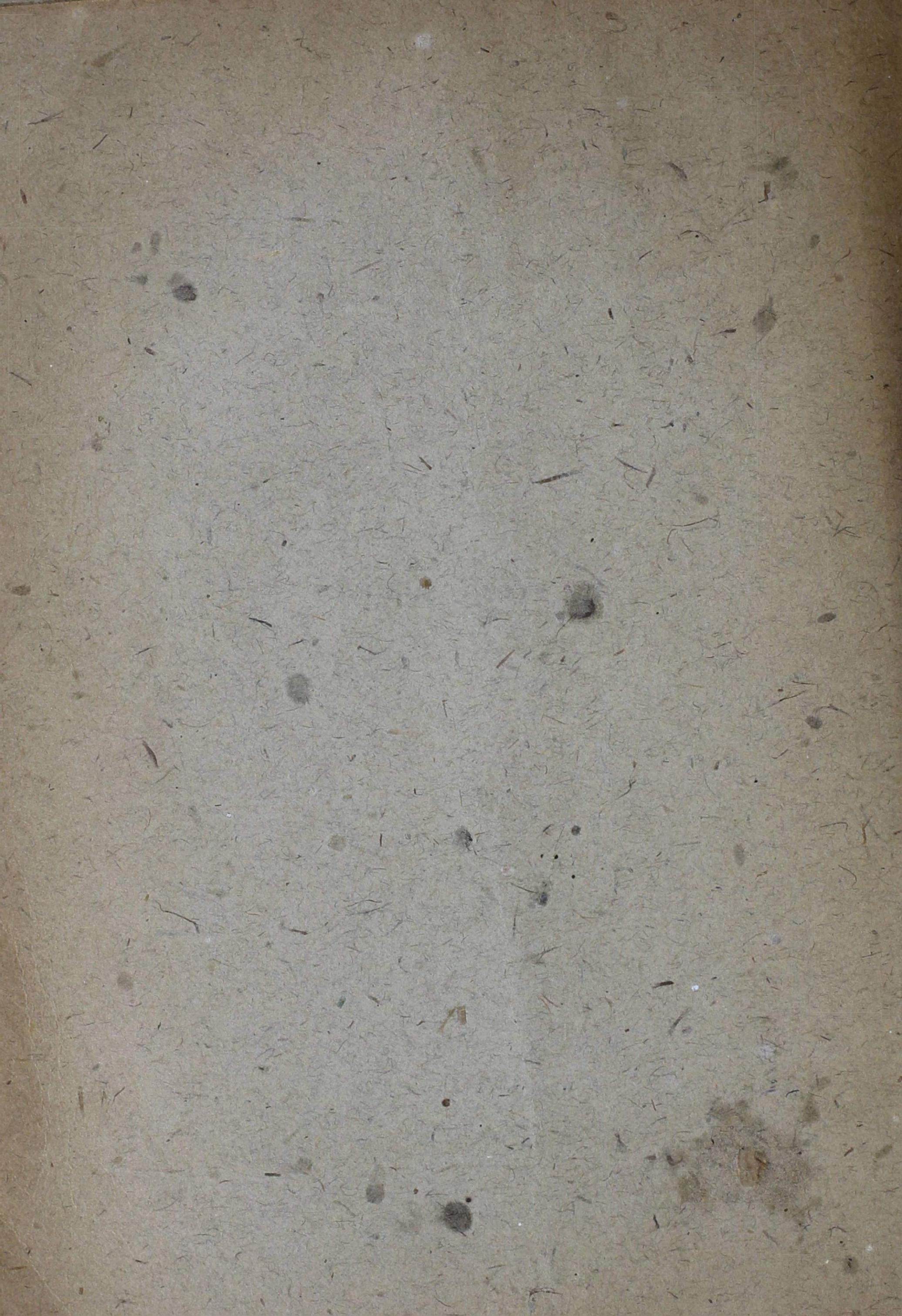
faz-se a decifradora incessante desse Além, tão mais longinquo quanto mais perto parece estar. Os

artistas, possuidores do seu segredo, são os illuminados, os organistas da grande cathedral que no thesouro da polyphonia colhem a unidade universal.

A obra de Paulo Barreto recolhe o espirito do universo, resume o vae-vem, a exaltação, o movimento incessante das idéas puras e bellas que agitam a alma moderna.

Elle era o animador solitario, voluptuoso e estranho, aparando num sorriso desdenhoso os golpes da pretensão indigena; elle era o mestre agil da ironia, convencido de que a ironia é o lyrismo da desillusão; elle era a intelligencia ardega, portadora dos segredos universaes, amando e querendo a corôa de oliveira brava.





Paulo Barreto veio para a vida vêr — vêr e commentar a tremenda corrida de espadas, esse espectáculo barbaro com que a civilisação alimenta o carcere e a dôr. Elle teria procurado na futilidade do luxo, da mulher e da elegancia, um remedio para o seu temperamento fatigado daquelle espectáculo.

O chronista possue o olhar agudo, a imaginação quente e colorida, o verbo facil e poderoso. Mas o chronista era, sobretudo, um dynamo do idealismo. E, logo, procurava o tragico quotidiano, buscava as cousas graves da vida. Então, a sua voz se alça para nos dizer:

— Bastará um pouco de analyse das almas para vêr que os grandes artistas são na sua essen-

cia, almas de generaes, de santos, de heróes — conductores messianicos. A força da intelligencia dá-lhes tremendas propriedades. Restrangindo, synthetizando a vontade, qualquer artista podia ser só general, só santo, só heroe. Como essa força, porém, projecta-se num campo immenso da comprehensão e abarca a humanidade, o Artista fica o general sem batalhas, o santo sem milagres, o heróe sem provas immediatas e sente profundamente a calamidade. Por isso, não ha Artista que não seja ensinador, e não ha absolutamente nenhum digno desse grave e austero nome que não seja um moralizador.

De certo modo, Wilde legou ao imaginario do SE'SAMO a ousadia dos sonhos fabulosos, a ale-

gria embriagadora, o paradoxo ríspido e vivo, o amor á juventude, a paixão do imprevisto, a voluptia mental, a vontade de realizar...

Nesse baixo relevo de tristeza e de dôr, ROSARIO DE ILLUSÃO, Paulo Barreto traçou a finalidade da sua obra: juntar alegremente as observações, as figuras do sonho, e amontoar com febre entusiasmica idéas de riso, pensamentos de esplendor.

Elle julgava a obra de arte inteiramente inutil quando não exprimia, através de uma personalidade, as aspirações do mundo, os sentimentos de belleza e de moral da época em que surgia. Era o espectador dessa sociedade que se constitue, o observador que procurava fixar tumultuariamente alguns aspectos do drama animal.

Ha dez annos, Paulo Barreto annunciara, cheio de alvoroço e de fé, uma esthetica nova: — a esthetica do milagre animador.

Mais tarde, escreve a um homem de letras:

— A minha obra só poderá ser vista, em conjunto, dentro de dez annos. Ahi verão, talvez, que eu tentei ser o reflexo tumultuario de transformações e que nos meus livros não está a obra prima, mas está em todos os seus aspectos moraes, mentaes, politicos, sociaes, mundanos, ideologicos, praticos — a vida do Rio...

Cumpre destacar da sua obra certas expressões reveladoras de uma juventude mental em constante eclosão: triumpho immediato, desejo de gloria instantanea, sonho de abundancia, vida im-

petuosa, gesto espontaneo, attitudo instinctiva, crêr, trabalhar, crear...

Por que escrevia?

— Por fatalidade, pelo destino. Nunca pensei em ser escriptor, nunca imaginei ter outra funcção na vida. E' como um incendio interior. Quanto mais penso abafal-o, mais o vejo alastrado e voraz, consumindo-me. Escrevo por fatalidade. Como um homem é assassino ou heróe ou desgraçado. Fatalidade duplamente cruel, porque nella vivo na ansiedade insatisfeita, porque com ella nasci num paiz onde o respeito aos que escrevem quasi não existe.

A vida de Paulo Barreto foi uma violenta e implacavel renovação dos nossos figurinos literarios.

Celso Vieira escreveu, certa vez, que a complexidade esthetica de Paulo Barreto, natureza vertumniana exuberando em transfigurações imprevisíveis, desde o apologo ao drama, já o tornou criticamente um problema insolúvel, cada vez mais desesperador para os amigos de etiquetas literarias.

E a cada passo, Paulo Barreto nos mostrava que o Brasil soffre de uma molestia endemica nos povos sem cultura: o desrespeito aos seus grandes homens, a incompreensão do valor moral de cada um.

Deante do estheta animador, a mentalidade indigena sentiu, ao mesmo tempo, o horror ao para-

doxo e a necessidade da formação de pequeninos nucleos de resistencia.

Houve lutas e houve miserias moraes. Mas, tudo isso passou. E dessa época de duvida, desse periodo fragmentario, resta uma grande obra de ironia, de belleza e de verdade.

BEZERRA DE FREITAS.

O BÉBÉ DE TAR-
LATANA ROSA

— Oh! uma historia de mascaras! quem não a tem na sua vida? O carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustioso imprevisto... Francamente. Toda a gente tem a sua historia de carnaval, deliciosa ou macabra, algida ou cheia de luxurias atrozes. Um carnaval sem aventuras não é carnaval. Eu mesmo este anno tive uma aventura...

E Heitor de Alencar esticava-se preguiçosamente no divan, gozando a nossa curiosidade.

Havia no gabinete o barão Belfort, Anatolio de Azambuja, de que as mulhe-

res tinham tanta implicancia, Maria de Flor, a extravagante bohemia, e todos ardiam por saber a aventura de Heitor. O silencio tombou expectante. Heitor, fumando um gianaclis authenticico, parecia absorto.

— E' uma aventura alegre? indagou Maria.

— Conforme os temperamentos.

— Suja?

— Pavorosa ao menos.

— De dia?

— Não. Pela madrugada.

— Mas, homem de Deus, conta! supplicava Anatolio. Olha que estás adoecendo a Maria.

Heitor puxou um largo trago á cigarreta.

— Não ha quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos transportes da carne e ás maiores extravagancias. O desejo, quasi doentio é como in-

cutido, infiltrado pelo ambiente. Tudo respira luxuria, tudo tem da ansia e do espasmo, e nesses quatro dias paranoicos, de pulos, de guinchos, de confianças illimitadas, tudo é possível. Não ha quem se contente com uma...

— Nem com um, atalhou Anatolio.

— Os sorrisos são offertas, os olhos supplicam, as gargalhadas passam como arrepios de urtiga pelo ar. E' possível que muita gente consiga ser indifferente. Eu sinto tudo isso. E sahindo, á noite, para a porneia da cidade, saio como na Phenicia saham os navegadores para a procissão da Primavera, ou os alexandrinos para a noite de Aphrodita.

— Muito bonito! ciciou Maria de Flor.

— Está claro que este anno organizei uma partida com quatro ou cinco actrizes e quatro ou cinco companheiros. Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagalhão de volupia

e de prazer da cidade. O grupo era o meu salva-vidas. No primeiro dia, no sabbado, andámos de automovel a percorrer os bailes. Iamos indistinctamente beber champagne aos clubs de jogo que annunciavam bailes e aos maxixes mais ordinarios. Era divertidissimo e ao quinto club estavamos de todo excitados. Foi quando lembrei uma visita ao baile publico do Recreio. — “Nossa Senhora! disse a primeira estrella de revistas, que ia comnosco. Mas é horrivel! Gente ordinaria, marinheiros á paisana, rufias dos pedaços mais esconsos da rua de S. Jorge, um cheiro atroz, rolos constantes...” — Que tem isso? Não vamos juntos?

Com effeito. Iamos juntos e fantasia-das as mulheres. Não havia o que temer e a gente conseguia realizar o maior desejo: acanalhar-se, enlamear-se bem. Naturalmente fomos e era uma desolação

O BÉBÉ DE TARLATANA ROSA

com pretas beicudas e desdentadas esparrimando belbutinas fedorentas pelo estrado da banda militar, todo o pessoal de azeiteiros das ruélas lobregas e essas estranhas figuras de larvas diabolicas, de incubos em frascos d'alcool, que teem as perdidas de certas ruas, moças, mas com os traços como amassados e todas pallidas, pallidas feitas de pasta de matta-borrão e de papel d'arroz. Não havia nada de novo. Apenas, como o grupo parara diante dos dansarinos, eu senti que se roçava em mim, gordinho e appetecivel, um bebé de tarlatana rosa. Olheille as pernas de meia curta. Bonitas. Verifiquei os braços, o cahido das espaldas, a curva do seio. Bem agradavel. Quanto ao rosto era um rostinho atrevido, com dous olhos perversos e uma bocca polpuda como se offertando. Só posição trazia o nariz, um nariz tão bem feito, tão acertado, que foi preciso observar

para verificá-lo falso. Não tive duvida. Passei a mão e preguei-lhe um beliscão. O bebé cahiu mais e disse num suspiro: — Ai que dóe! Estão vocês a ver que eu fiquei immediatamente disposto a fugir do grupo. Mas commigo iam cinco ou seis damas elegantes capazes de se debochar mas de não perdoar os excessos alheios, e era sem linha correr assim, abandonando-as, traz de uma frequentadora dos bailes do Recreio. Voltámos para os automoveis e fomos ceiar no club mais *chic* e mais seccante da cidade.

— E o bebé?

— O bebé ficou. Mas no domingo, em plena Avenida, indo eu ao lado do chauffeur, no borbórinho colossal, senti um beliscão na perna e uma voz rouca dizer: “para pagar o de hontem”. Olhei. Era o bebé rosa, sorrindo, com o nariz postiço, aquelle nariz tão perfeito. Ainda tive





tempo de indagar: — Onde vaes, hoje?

— A toda parte! respondeu, perdendo-se num grupo tumultuoso.

— Estava perseguindo-te! commentou Maria de Flor.

— Talvez fosse um homem... soprou, desconfiado, o amavel Anatolio.

— Não interrompam o Heitor! fez o barão, estendendo a mão.

Heitor accendeu outro gianaclis, ponta de ouro, sorriu, continuou:

— Não o vi mais nessa noite, e segunda-feira não o vi tambem. Na terça desliguei-me do grupo e cahi no mar alto da depravação, só, com uma roupa leve por cima da pelle e todos os máos instinctos fustigados. De resto a cidade inteira estava assim. E' o momento em que por trás das mascaras as meninas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas transparecem, em que a virgindade é dubia e todos nós

a achamos inutil, a honra uma caceteação, o bom senso uma fadiga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento ha um riso que galvanisa os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ansia de acanalhar-me, quasi morbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contacto familiar, mas o deboche anonymo, o deboche ritual de chegar, pegar, acabar, continuar. Era ignobil. Felizmente muita gente soffre do mesmo mal no carnaval.

—A quem o dizes!... suspirou Maria de Flor.

— Mas eu estava sem sorte, com a *guigne* com o *caiporismo* dos defuntos indios. Era approximar-me, era ver fugir a presa projectada. Depois de uma dessas caçadas pelas avenidas e pelas praças, em-

barafustei pelo S. Pedro, metti-me nas dansas, rocei-me áquella gente em geral pouco limpa, insisti aqui, alli. Nada!

— E' quando se fica mais nervoso!

— Exactamente. Fiquei nervoso até o fim do baile, vi sahir toda a gente, e sahi mais desesperado. Eram tres horas da manhã. O movimento das ruas abrandara. Os outros bailes já tinham acabado. As praças, horas antes incendiadas pelos projectores electricos e as cambiantes enfumadas dos fogos de bengala, cahiam em sombras — sombras cúmplices da madrugada urbana. E só, indicando a folia, a excitação da cidade, um ou outro carro arriado levando mascararas aos beijos ou alguma fantasia tilintando guizos pelas calçadas fofas de "confetti". Oh! a impressão enervante dessas figuras irreaes na semi-sombra das horas mortas, roçando as calçadas, tilintando aqui, alli um som perdido de guizo! Parece qual-

quer cousa de impalpavel, de vago, de enorme, emergindo da treva aos pedaços... E os dominós embuçados, as dançarinas amarfanhadas, a collecção indecisa dos mascaras de ultimo instante arrasando-se extenuados! Dei para andar pelo largo do Rocio e ia caminhando para os lados da secretaria do Interior, quando vi, parado, o bebé de tarlatana rosa.

Era elle! Senti palpitar-me o coração. Parei. — “Os bons amigos sempre se encontram”, disse. O bebé sorriu sem dizer palavra. Estás esperando alguem? Fez um gesto com a cabeça que não. Enlacei-o. — Vens commigo? — Onde? indagou a sua voz aspera e rouca. — Onde quizeres! Peguei-lhe nas mãos. Estavam humidas mas eram bem tratadas. Procurei dar-lhe um beijo. Ella recuou. Os meus labios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco.

— Por pouco...

— Não era preciso mais no Carnaval, tanto mais quanto ella dizia com a sua voz arfante e lubrica: — “Aqui não!” Passei-lhe o braço pela cintura e fomos andando sem dar palavra. Ella apoiava-se em mim, mas era quem dirigia o passeio e os seus olhos molhados pareciam fruir todo o bestial desejo que os meus diziam. Nessas phases do amor não se conversa. Não trocámos uma phrase. Eu sentia a rythmia desordenada do meu coração e o sangue em desespero. Que mulher! Que vibração! Tinhamos voltado o jardim. Deante da entrada que fica frente á rua Leopoldina, ella parou, hesitou. Depois arrastou-me, atravessou a praça, mettemo-nos pela rua, escura e sem luz. Ao fundo, o edificio das Bellas Artes era desolador e lugubre. Apertei-a mais. Ella aconchegou-se mais. Como os seus olhos brilhavam! Atravessámos a

rua Luiz de Camões, ficámos bem em baixo das sombras espessas do Conservatorio de Musica. Era enorme o silencio e o ambiente tinha uma côr vagamente russa com a treva espancada um pouco pela luz dos combustores distantes. O meu bebé gordinho e rosa parecia um esquecimento do vicio naquella austeridade da noite. — Então, vamos? indaguei. — Para onde? — Para a tua casa. — Ah! não, em casa não podes... — Então por ahi. — Entrar, sahir, despir-me. Não sou disso! — Que queres tu, filha? E' impossivel ficar aqui na rua. Daqui a minutos passa a guarda. — Que tem? — Não é possivel que nos julguem aqui para bom fim, na madrugada de cinzas. Depois, ás quatro tens que tirar a mascara. — Que mascara? — O nariz. — Ah! sim! E sem mais dizer puxou-me. Abracei-a. Beijeilhe os braços, beijeilhe o collo, beijeilhe o pescoço. Gulosamen-

te a sua bocca se offerecia. Em torno de nós o mundo era qualquer cousa de opaco e de indeciso. Sorvi-lhe o labio.

Mas o meu nariz sentiu o contacto do nariz postico della, um nariz com cheiro a resina, um nariz que fazia mal. — Tira o nariz! — Ella segredou: Não! não! custa tanto a collocar! Procurei não tocar no nariz tão frio naquella carne de chamma.

O pedaço de papelão, porém, avultava, parecia crescer, e eu sentia um mal estar curioso, um estado de inibição exquisito. — Que diabo! Não vás agora para casa com isso! Depois não te disfarça nada. — Disfarça sim! — Não! Procurei-lhe nos cabellos o cordão. Não tinha. Mas abraçando-me, beijando-me, o bebé de tarlatana rosa parecia uma possessa tendo pressa. De novo os seus labios aproximaram-se da minha bocca. Entreguei-me. O nariz roçava o meu, o nariz

que não era della, o nariz de fantasia. Então, sem poder resistir, fui approximando a mão, approximando, emquanto com a esquerda a enlaçava mais, e de chofre agarrei o papelão, arranquei-o. Presa dos meus labios, com dous olhos que a colera e o pavor pareciam fundir, eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça sem nariz, com dous buracos sangrentos atulhados de algodão, uma cabeça que era allucinadamente — uma caveira com carne . . .

Despeguei-a, recuei num immenso vomito de mim mesmo. Todo eu tremia de horror, de nojo. O bebé de tarlatana rosa emborcara no chão com a caveira voltada para mim, num choro que lhe arregaçava o beijo mostrando singularmente abaixo do buraco do nariz os dentes alvos. — Perdoa! Perdoa! Não me batas. A culpa não é minha! Só no Carnaval é que eu posso gosar. Então, aproveito,

ouviste? aproveito. Foste tu que quizeste...

Sacudi-a com furia, pul-a de pé num safanão que a devia ter desarticulado. Uma vontade de cuspir, de lançar apertava-me a glotte, e vinha-me o imperioso desejo de esmurrar aquelle nariz, de quebrar aquelles dentes, de matar aquelle atroz reverso da Luxuria... Mas um apito trilou. O guarda estava na esquina e olhava-nos, reparando naquella scena da semi-treva. Que fazer? Levar a caveira ao posto policial? Dizer a todo o mundo que a beijara? Não resisti. Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente deitei a correr como um louco para a casa, os queixos batendo, ardendo em febre.

Quando parei á porta de casa para tirar a chave, é que reparei que a minha mão direita apertava uma pasta oleosa e

sangrenta. Era o nariz do bebé de tarlata-
tana rosa...

Heitor de Alencar parou, com o cigarro entre os dedos, apagado. Maria de Flor mostrava uma contracção de horror na face e o doce Anatolio parecia mal. O proprio narrador tinha a camarinhar-lhe a fronte gottas de suor. Houve um silencio agoniento. Afinal o barão Belfort ergue-se, tocou a campainha para que o creado trouxesse refrigerantes, e resumiu:

— Uma aventura, meus amigos, uma bella aventura. Quem não tem do Carnaval a sua aventura? Esta é pelo menos empolgante.

E foi sentar-se ao piano.

INDICE

	Pag.
Prefacio de Bezerra de Freitas.....	11
O Bêbé de Tarlatana Rosa	25

*ACABOU DE IMPRIMIR-SE
aos 24 de setembro de 1925,
nas oficinas da Editora LUX.*

Av. Gomes Freire, 101.

Rio de Janeiro.

0080



